

CRÍTICA DO SABER TRADICIONAL E CEPTICISMO NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS: A OBRA DE FRANCISCO RIBEIRO SANCHES (1551-1623) *

1. A dúvida sempre caminhou de mãos dadas com o saber. Subjaz, de uma maneira ou outra, quer ao seu aparecimento, quer à sua constante renovação. Num simpósio dedicado aos Descobrimientos que, a partir da Península Ibérica nos alvares da modernidade, abriram novos horizontes à Europa e ao Mundo, queremos, antes de mais, ressaltar esta íntima conexão dúvida-descoberta.

Por isso mesmo, ao longo dos séculos, instituir-se-ia uma reflexão acerca do papel da dúvida no processo instaurador do conhecimento, seja ele de índole científica ou de índole filosófica.

Com efeito, a dúvida é a seiva da interrogação filosófica, charneira da hipótese científica, cerne de todo o transe inventivo. Pode metamorfosear-se em curiosidade intelectual, em apetência pelo novo, em assombro, fascínio, admiração; em atracção por uma verdade complexa e transfinita, sempre em aberto. Negativamente considerada, a dúvida aparece sob a forma de terapia depuradora, de suspeita, de crítica, de suspensão do juízo. Ou então, num plano mais radical, sob a forma de pura e simples rejeição do já dado ou estatuído, do dogmática e passivamente acatado, destutelamento de toda e qualquer instância — sobrenatural ou natural, cognitiva ou afectiva —.

Da dúvida como assombro perante o mundo brotou o saber racional e consciente de si, numa emergência histórica do filosofar

* Comunicação apresentada no congresso SPAIN AND PORTUGAL OF THE NAVIGATORS (Washington, The George Washington University, 25-30, Setembro, 1990).

localizada na Grécia. Na sequência e como consequência do duvidar — interrogando — irrompeu a descoberta do *nous*, dessa capacidade intelectual de comensuração do sujeito com as coisas que ligaria para sempre o ser ao pensar, o mundo ao eu. O homem — dizia Aristóteles — na medida em que conhece, é de alguma maneira todas as coisas, e, deste modo, o cognoscente em acto e o conhecido em acto identificam-se. Com base em tal congruência gnoseo-ontológica, se montou o gigantesco edifício da ciência do universal, ciência por demonstração, radicalizada em primeiros princípios evidentes e indemonstráveis, eternos e abstractos. Ciência das essências ou natureza das coisas, ciência dedutiva, lógica, silogística.

Refiro-me obviamente à ciência aristotélica, marco referencial de toda a Idade Antiga e Medieval. Ou também, na esteira de Platão, ciência como reminiscência das Ideias — transcendentais, imutáveis, eternas, incorpóreas — desligadas de todo o vestígio sensível.

Foi justamente sobre tais noções — como adiante se verá — que Sanches exerceu, antecipando-se aos tempos, uma dura e definitiva crítica. Nos alvares da modernidade, enceta-se o processo do exercício da dúvida, primeiro espontânea, extrovertida e virulenta, depois metódica e reflexiva, num processo de progressiva maturação e auto-consciência de si e do seu papel na construção do novo saber.

É desta relação entre a dúvida e a descoberta, por um lado, e o exercício pioneiro que dela fez Sanches, por outro lado, que me ocuparei na presente comunicação.

Antes, porém, sejam-me permitidas ainda umas brevíssimas considerações de ordem geral.

A história, cujo elemento racional é a pura variação temporal, no dizer de Hegel, a história como sucessão de momentos diferenciados, consequência de revoluções ou evoluções, continuidades ou rupturas descontínuas, tem sempre na dúvida, no «não se saber bem o quê», o seu ingrediente dinamizador.

O terramoto moderno que abalou os cimentos do edifício científico de raiz aristotélico-escolástico, encontrara já no cepticismo grego — designadamente no pirronismo — um forte antecedente. É a ele, como é bem sabido, recorrerá também Francisco Sanches, mais como técnica de argumentação destrutiva do que como negação pura e simples de toda e qualquer possibilidade de conhecer. A crise

de fundamentos que tal crítica provocou tornou-se exemplar e pedagógica, nos séculos vindouros.

Há uma repetição, uma perenidade insistente, uma actualidade trans-histórica desta atitude dubitativa. Repetição sempre outra, renovada por uma inventiva adaptada à circunstância de momento, mas, na sua raiz última, sempre idêntica: vontade de descobrir por saber duvidar do já descoberto, «querer saber por um saber como querer», em palavras de Sanches no *Quod nihil scitur*. Duvida-se porque se quer saber mais e diferente, porque se sabe como querer esse saber novo, porque se tem consciência do valor metódico da dúvida.

Não será esta pedagogia da dúvida que ainda hoje late, por exemplo, nos mais variados sistemas científicos, desde a famosa teoria das revoluções de Khun, à da conjectura-falsação de Popper? Claro está que aqui se impunha um esclarecimento dos diferentes matizes do duvidar, inerentes a cada autor, época e circunstância, etc.. Na impossibilidade de o fazer, fiquemos tão somente, como motivo de reflexão, com o binómio dúvida-descoberta, com a infinidade de formalizações de que tal binómio se pode revestir, e de que efectivamente já se revestiu ao longo da história da humanidade.

2. Mas, ocupemo-nos agora do nosso tema: da figura de Francisco Sanches, eminente percursor na génese da nova ciência da modernidade, pelo pendor criticista da sua formação e actividade intelectual.

Português pela nacionalidade de seus pais, nasce acidentalmente em Tuy, em 1551. Mas é em Braga que decorre a sua infância. «Diocesano bracarense», como a si mesmo se intitula, deixa a sua terra, onde recebera a primeira instrução escolar, com apenas 11 anos, e parte para Bordéus. Aí frequenta o célebre colégio de Guyenne. Roma será depois o local da sua formação médica, ao longo de quatro anos. Mas é em Montpellier que terminará a sua carreira, recebendo o grau de doutor em medicina, no ano de 1574. Pouco tempo depois, passará para Toulouse, foco importante de efervescência renascentista, centro de polémicas anti-escolásticas. Com efeito, ao lado de um ensino fortemente conservador, fervilham as ideias de uma modernidade anti-metafísica e de pendor experimentalista. Médico, director de hospital durante doze anos, professor de medicina na Universidade de

Montpellier durante vinte e cinco anos, e de filosofia durante doze anos, aí viria a falecer em 1623.

Da sua vasta obra queremos ressaltar o escrito *Quod nihil scitur*, pela fecundidade que a dúvida, nele explanada, viria a ter no contexto científico-cultural de uma época de transição, de uma das mais importantes viragens que a história conheceu.

É problemática a posição filosófica de Sanches e a interpretação da extensão e alcance da sua dúvida.

Durante muito tempo insistiu-se na relação do seu pensamento com o cepticismo antigo — nomeadamente com o pirronismo de Sexto Empírico —. Entende-se esta caracterização da dúvida intimamente relacionada com a estrutura negativa do *Quod nihil scitur* e com a sua intenção destruidora das concepções tradicionais de ciência — designadamente a aristotélica e a platónica —. É o escolástico *ire ad terminos*, que deverá ser definitivamente substituído pelo novo e renascentista experimentalismo do *ire ad res*.

Com o andar dos tempos, a história da filosofia dirá que Sanches é muito mais do que um simples céptico, um puro nihilista, como o título da sua obra poderia fazer crer.

A reabilitação da sua figura e pensamento culmina no século XIX. Para Ludwig Gerkrath, por exemplo, a dúvida sanchesiana é sumamente esclarecida, e a sua hostilidade em relação à concepção escolástica da ciência tinha como fim propiciar e anunciar a futura concepção positiva do saber. Admite-se, assim, uma parte destrutiva no duvidar, mas enquanto propedêutica a uma construtiva. Menendez y Pelayo, num discurso proferido em 1891 e intitulado *De los orígenes del criticismo y del escepticismo, y especialmente de los precursores españoles de Kant*, considera o nosso médico-filósofo como um dos principais antecessores do criticismo kantiano, pioneiro também do positivismo científico e do experimentalismo de Claude Bernard ⁽¹⁾. Mais do que a Descartes, o seu pensamento estaria ligado ao do futuro Kant. Nesta mesma linha se encontra Emilien Senchet que, em 1904, não hesita em desfazer o «mito» de Sanches céptico, para o considerar o primeiro dos «espíritos críticos» da época moderna, «percussor mais ou

(1) Citado de JOAQUIM DE CARVALHO, *Nas comemorações do quarto centenário do nascimento de Francisco Sanches*, in «Obra Completa», Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, pág. 440.

menos afastado de Bacon, de Descartes e sobretudo de Kant» (2). Se é discutível esta asserção, dado que Sanches está, por um lado, muito afastado no tempo do filósofo de Königsberg, e, por outro, não possui as estruturas formais necessárias à viabilização de uma fundamentação a priori da ciência, nem mesmo sequer o enunciado das regras metódicas da condução do pensamento como conexio-nadoras do dado empírico puro e simples com uma teorização demonstrativa; se é discutível, dizíamos, tal aproximação, o que, sim, é certo, é que o pensador português frisou claramente, no final da sua obra, que, num outro livrinho se cingiria ao estudo das coisas, expondo o meio de saber quanto é compatível com a humana fragilidade (3). Conhecimento dos limites, ciência do finito, do fenoménico e dado a mim, instauração de uma teoria da ciência fácil e firme, como ele próprio afirma. Em tudo isto, late obviamente a mesma intenção de Kant. Infelizmente, se o Autor chegou a escrever ou não tal livro, ignoramo-lo.

Um dos argumentos esgrimidos pela história da filosofia, a favor do ultrapassamento, por parte de Sanches, da simples acepção céptica da dúvida, consiste no facto do próprio filósofo, na segunda edição da sua obra, aparecida em Frankfurt, ter alterado o título. Se em 1581, o título se cingia à simples designação de *Quod nihil scitur*, em 1618, é mais esclarecedor: o «porque nada se sabe» é referido apenas à *Metafísica* enquanto ciência do ser e dos primeiros princípios — *De multum nobili et prima universali scientia quod nihil scitur* —. Assim se intitulou o livro, dando a entender que o cepticismo se circunscreve ao que o filósofo tinha espontaneamente sob os seus olhos, isto é, ao panorama intelectual do que se ensinava nas escolas de que Sanches foi «vítima». De tal panorama, destacam na sua obra quatro definições de ciência que ele desmonta com mestria, servindo-se porventura, no dizer de Joaquim de Carvalho, da técnica de argumentação de Galeno, que «consiste

(2) Citado de idem, *ibidem*.

(3) Cfr. *Interim nos ad res examinandas accingentes, an aliquid sciatur, et quomodo, libello alio praeponemus: quo methodum sciendi, quantum fragilitas humana patitur, exponemus*. FRANCISCO SANCHES. *Quod nihil scitur*, in «Opera Philosophica», separata da «Revista da Universidade de Coimbra», vol. XVIII, Coimbra, 1955, pág. 53, e in «Tratados Filosóficos», Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1955, pág. 156.

em refutar separadamente os conceitos constitutivos de cada definição para concluir pela sem razão do conjunto» (4). Não somente as hipóteses pirrônicas de Sexto Empírico foram fonte inspiradora do criticismo de Sanches, como durante muito tempo se salientou. É o mesmo Joaquim de Carvalho quem acentua que «a maior parte das páginas do *Quod nihil scitur* [se dedicam] à refutação da Ciência como conhecimento perfeito do objecto — [concepção forjada pelo pensador português] —, e que esta refutação tem por base os *tropos de Enesidemo* e os argumentos de Agripa» (5). Todas estas influências passam, aliás, pelo crivo da mestria pessoal do nosso Autor, original e inimitável. Aliás, quem alimentou grande parte do seu fôlego polémico foi o contemporâneo e colega de ensino em Toulouse — Giordano Bruno —, contra cuja *arte mnemônica e combinatória* Sanches se insurgiu vivamente, quando fala ironicamente dos que se furtam ao exame da realidade para criar um labirinto de palavras, sem qualquer fundamento de verdades (6). Muitos comentadores chegam mesmo a pensar que uma das razões que terá pesado em Bruno, ao abandonar um tão famoso centro de debate intelectual, foi esta acesa controvérsia.

As quatro definições de ciência aceites no seu tempo, definições verbais em relação às quais nada se sabe, e que se devem portanto legitimamente rejeitar, são as seguintes: duas de raiz aristotélica — a ciência como conformidade que os conhecimentos adquirem pela demonstração; a ciência como conhecimento por causas —; uma de raiz platónica — o saber é reminiscência de ideias puras. E, finalmente, uma quarta que define a ciência como conhecimento perfeito do objecto, trazida à colação por Sanches. Esta última, que ocupa — como dissemos — a maior parte da obra, considera os obstáculos cognitivos, quer por parte da coisa conhecida, quer por parte do sujeito cognoscente, quer por parte do acto de conhecimento que os tenta connexionar.

(4) JOAQUIM DE CARVALHO, *ob. cit.*, pág. 445.

(5) *Idem*, pág. 446.

(6) Cfr. *Quisque sibi scientiam construit ex imaginationibus tum alterius, tum propriis: ex his alias inferunt: et ex his iterum alias; nil in rebus perpendentes, quousque labyrinthum verborum absque aliquo fundamento veritatis produxere...* FRANCISCO SANCHES, *ob. e ed. cit.*, respectivamente, págs. 2 e 6.

É justamente na parte que se refere à certeza do objecto, à pseudo-consideração das suas características essenciais e imutáveis, designadamente no que se reporta à concepção eternitária e essencializante de um mundo físico submetido a uma metafísica abstracta, separadora das realidades, que Sanches alude às novidades trazidas pelos Descobrimentos e à necessidade de construção de uma ciência da natureza atenta às transformações delas decorrentes. Urge atender à experiência e às consequências que a sua leitura reflexiva aponta a uma nova teorização, cujas hipóteses e leis deverão entrar definitivamente no campo da provisionalidade e revisibilidade.

Pela íntima conexão do tema que nos ocupa neste congresso — o dos novos horizontes que a época dos Descobrimentos abriu à reflexão científica e filosófica, e que, ainda hoje, são pedagogia actual e estimulante —, permita-se-me uma citação do *Quod nihil scitur*. Referindo-se à ciência verbal, escolasticizante, afirma Sanches:

«Na tua ciência perfeita dizias ontem, e até já há muitos séculos, que a terra era cercada por um Oceano: Asia, Africa e Europa. O que dirás agora? Foi descoberto um novo mundo, e novas coisas, numa nova Espanha ou Indias Ocidentais, e nas Orientais. [...] que essas [...] coisas são falsas, já o mostrou a experiência. Trata de arranjar outra ciência, pois a primeira já é falsa. Como é, pois, que tu afirmas que as tuas proposições são eternas, incorruptíveis, infalíveis, e que não poderiam existir de outra maneira, tu, misérrimo verme, que com dificuldade sabes o que és, e qual a tua origem e o teu fim, e que talvez nem com dificuldade isso saibas?» (7).

A referência é importante. Há, de facto, um remeter para a experiência, mas de um modo radicalmente diferente do que era

(7) Cfr. *Quis enim de omni quod fuit, quod est, aut quod erit certum quid proferre potest? Dicebas heri perfecta scientia tua imo et a plurimis saeculis, totam terram Oceano circumflecti, eamque in tres dividebas partes universales, Asiam, Aphricam, Europam. Nunc quid dices? [...] Nec hoc solum, sed et in diversis terrae partibus (quas unus et idem omnes perlustrare non potest, necessarium tamen est) propter nuper dictam rerum varietatem variae sunt hominum opiniones, nullaque scientia.* FRANCISCO SANCHES, *ob. e ed. cits.*, respectivamente págs. 23-24 e 70-72.

usual entre os portugueses de então. Por exemplo, na tantas vezes citada expressão de Duarte Pacheco Pereira — «a experiência que é madre das cousas, nos desengana e de toda dúvida nos tira»⁽⁸⁾—, esta «experiência — como escreve José Sebastião da Silva Dias — de que nos fala e em que tanto se louva, não é ainda a experimentação e nem mesmo a observação sistemática e metódica posta na base do conhecimento científico e realizada com o objectivo de o verificar ou adquirir — mas tão só o conhecimento empírico, que resulta da praxe quotidiana da vida»⁽⁹⁾. Aliás, como este mesmo autor chama a atenção, o enunciado de Duarte Pacheco Pereira está ainda dependente da inspiração aristotélica⁽¹⁰⁾. E observações semelhantes podem ser feitas a propósito de Pedro Nunes ou de D. João de Castro, em relação aos quais se pode dizer — para utilizar de novo termos de José Sebastião da Silva Dias — que, no «seu espírito, há cepticismo e reserva, mas não ruptura»⁽¹¹⁾.

Voltemos à citação de Francisco Sanches. O seu teor autoriza-nos a afirmar, com Joaquim de Carvalho: «[Francisco Sanches] sentiu e compreendeu com clarividência que já se não podia ser sábio nem filósofo com o saber da tradição aristotélica e que a teoria da Ciência carecia de ser fundada em bases radicalmente firmes. Perdida a confiança com que no início do século os melhores espíritos se voltaram para a Antiguidade na esperança de uma renascença que fosse ao mesmo tempo uma recuperação, Sanches viu que o problema primacial do seu tempo consistia na fundação radical dos conhecimentos científicos, cujo desenvolvimento dependeria da firmeza das bases e do *methodus sciendi*, que é o título de um dos livros que se propôs escrever e que não sabemos se levou a cabo»⁽¹²⁾.

É portanto mais forte a sua faceta «demolidora» do que a «construtora». Mas a consciência viva do papel da demolição

(8) *Esmeraldo de Situ Orbis*, 3.ª edição, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1988, 1.ª parte, cap. 2, pág. 20.

(9) *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1973, pág. 95.

(10) *Idem*, *ibidem*, nota 2.

(11) *Idem*, pág. 101.

(12) JOAQUIM DE CARVALHO, *ob. cit.*, pág. 453.

mostra a plena consciência da urgente necessidade de constituição da Ciência com Independência da Metafísica e da Ontologia. Não que Sanches negue o papel destas duas últimas. O que sim vê com lucidez antecipada é a autonomia dos saberes cujo método e objectos são específicos e irreduzíveis. Neste aspecto, o Autor é único na sua época, e mais lúcido do que muitos outros, designadamente Montaigne. Por isso, parafraseando ainda Joaquim de Carvalho, o pensamento de Sanches, historicamente considerado, assinala principalmente a crise da ciência tradicional, mostrando «que as verdades são esquivas e nunca se encontram nos rodeios que limitam o horizonte da observação e da reflexão crítica com a falácia de palavras ou com o esconjuro de teorizações de uma verdade simplificada e soberana» (13).

Esta lição inolvidável que o consagrou entre os revolucionadores da ciência do seu tempo não esconde, porém, o sensismo e o empirismo extremado da sua posição, sem dúvida percursora das futuras correntes lockiana e humiana. Com efeito, num tal contexto, é problemática a viabilização de uma conexão entre o plano sensível e intelectual, entre os dados dos sentidos e uma demonstração racional que lhes sirva de suporte, de teorização dessa tal ciência «firme e fácil» que conscientemente anunciou e pela qual tanto lutou. Outros viriam, como Descartes, receber com proveito a sua extraordinária lição.

Maria José Cantista

(13) Idem, págs. 454-455.